

MIGRAÇÃO, COMUNIDADE E ADAPTAÇÃO DOS CUBANOS NOS ESTADOS UNIDOS

*Ernesto Rodríguez Chávez**

(Tradução do espanhol: Cláudio Ambrósio)

(Texto recebido para publicação em janeiro de 1994)

A existência de comunidades de cubanos nos Estados Unidos já possui uma história de mais de 120 anos. Com o passar do tempo, a experiência cubano-americana foi variando, de acordo com a influência de diferentes etapas migratórias, a localização geográfica da comunidade, as transformações em sua própria estrutura socioeconômica, interesses políticos e grau de assimilação e aculturação.

Como começou a presença de cubanos nos Estados Unidos? São os cubanos um grupo especial de imigrantes? Como se formou a atual comunidade cubano-americana? Qual sua composição e que relação mantém com outras comunidades de hispanos nos Estados Unidos? Que fatores determinaram sua adaptação individual e estrutural?

Migração e comunidade até 1959

Desde 1865 até 1930, a emigração cubana acontece inserida no contexto da indústria do tabaco e o mercado de trabalho nos Estados Unidos, e tem relação com as consequências das guerras de independência do século passado em Cuba, e com a presença de capital norte-americano na Ilha. Em meados da década de 70 do século XIX já existiam comunidades cubanas bem definidas em New York, New Orleans e Key West. Essas comunidades tinham seus líderes, instituições, tradições econômicas e reproduziam a composição de classes e de raças das cidades cubanas (Poyo, 1987). Nesse período emigraram fundamentalmente trabalhadores, mas também donos de fábricas e oficinas mecânicas, artesãos e intelectuais. Brancos, mulatos e negros.

Espanhóis e crioulos.

A partir de 1886, com o rápido desenvolvimento da indústria do tabaco em Ibor City, Tampa, muitos cubanos decidiram transferir-se para lá, saindo de Cuba e também de outras regiões dos Estados Unidos. A emigração foi crescendo até superar os 40 mil entre 1901 e 1910. Tampa, naquela época, chegou a converter-se no principal centro de cubanos nos Estados Unidos.

As instituições cubanas em Key West, Tampa e New York, e outros cubanos em forma individual tiveram um papel importante no sentido da promoção do sentimento nacional cubano, e na organização e apoio à libertação de Cuba do colonialismo espanhol.

Como resultado da decadência da indústria do tabaco em Tampa, a emigração de cubanos diminuiu na década de 20. Essa tendência somente se reverte depois da Segunda Guerra Mundial e principalmente nos anos 50 como resultado da busca de novas fontes de emprego e da perseguição política que dominou em Cuba sob o ditadura de Fulgêncio Batista.

Esta última corrente migratória dirigiu-se, principalmente, para a cidade de New York. Apesar de tudo, estima-se que menos de 100 mil cubanos residiam nos Estados Unidos em 1958.

Com o triunfo da Revolução no dia 1º de janeiro de 1959, a emigração cubana sofreu uma transformação e um aumento radical. As transformações que foram ocorrendo em Cuba até chegar ao socialismo, somadas à política aplicada por Washington para impedir a implantação da Revolução, levaram a uma situação de confronto bilateral que dura até os dias de hoje. Este conflito transformou-se no catalizador central do fluxo de cubanos para os Estados Unidos, e a conformação gradual de um enclave cubano-americano em Miami e as relações dessa comunidade com o país de origem.

A política de imigração norte-americana

Desde 1959 os Estados Unidos utilizaram a emigração como fator de extorsão e desestabilização da Revolução. Sua políti-

ca e legislação migratória estimulou, auspiciou, privilegiou e politizou de forma absoluta a saída de cubanos da Ilha e a inserção destes na sociedade norte-americana.

No final de 1960, organizaram, sob os auspícios da Igreja Católica em Cuba e Miami a operação "Peter Pan", através da qual mais de 14 mil crianças foram levadas precipitadamente para os Estados Unidos, sem seus pais, para "salvá-las do comunismo".

Criaram para os cubanos o mais amplo e ambicioso programa de refugiados de sua história. Tal programa ajudou a 491.274 cubanos entre fevereiro de 1961 e abril de 1980, com um custo total de um bilhão e quatrocentos milhões de dólares (Argueles, 1984).

Aprovaram a lei de "ajuste cubano" de 1966 que permitiu a mais de meio milhão de cubanos regularizar sua situação legal migratória como refugiados políticos, sem nenhuma limitação numérica. Sob esta lei, ainda vigente, aceitam a todos os que chegam ilegalmente ao território americano (mesmo que tenham roubado um avião, ou outra embarcação) e também aos que ingressaram com visto temporário e desejam permanecer definitivamente.

Isso cria um sistema muito diversificado na política imigratória geral dos Estados Unidos, pois a situação dos cubanos contrasta com as poucas possibilidades que possuem os salvadorenses, nicaraguenses, guatemaltecos e haitianos de conseguir o "status" de refugiado ou asilo político, apesar de serem vítimas de guerras civis, perseguições e terrorismo.

Revolução e migração

A beligerância entre Cuba e Estados Unidos, e a conseqüente implementação de práticas migratórias especiais, levou a uma emigração em forma de saltos, com grandes fluxos em determinados anos, e quase nenhum caso em outros.

Mesmo que nesse processo se definam oito etapas, 76% dos cubanos que chegaram aos Estados Unidos entre 1959 e 1993, concentraram-se em três grandes momentos:

a) Janeiro de 1959 - outubro de 1962: Desde o triunfo da Revolução até a inter-

rupção dos vôos comerciais com a crise dos mísseis, 215 mil emigrantes.

b) Setembro de 1965 - abril de 1973: Etapa dos chamados "Vôos da liberdade" ou "Ponte aérea Havana-Miami" sob os auspícios do governo americano, 310 mil emigrantes.

c) Abril - setembro de 1980: Período da "ponte marítima Mariel-Cayo Hueso" levada a cabo por cubanos residentes nos Estados Unidos, 125 mil emigrantes.

Os dois primeiros constituem a base fundamental da atual comunidade cubano-americana.

No começo da Revolução, saíram pessoas vinculadas à ditadura de Batista, a alta burguesia, os proprietários de terras, muitos dos quais já possuíam capitais em Miami. Depois destes, emigrou a média e parte da pequena burguesia. Pessoas com uma ideologia política contrarrevolucionária. Nesses grupos havia uma alta representação de gerentes, profissionais, técnicos e pessoas com alto nível educacional (Fagen et al., 1968).

Esta composição foi variando desde 1965, e nos inícios da década de 70, quando se encerram os "vôos da liberdade", a composição começou a ser de empregados administrativos e do comércio, trabalhadores de serviços e operários qualificados, semiquilificados e não qualificados (Pedraza, 1985). Havia diminuído o nível educacional e eram de idade superior aos grupos iniciais. Mantinha-se uma média equilibrada entre homens e mulheres e uma ampla maioria de brancos. Emigravam motivados principalmente pela escassez imperante em Cuba e por motivos de reunificação familiar.

Depois de um período em que praticamente não houve emigração por falta de um mecanismo apropriado e depois da visita a Cuba, realizada por mais de 100 mil cubanos residentes nos Estados Unidos, produziu-se o êxodo de Mariel em 1980, numa conjuntura particular e fora do prognóstico norte-americano. Nessa ocasião, tratava-se de um grupo mais jovem, formado essencialmente por operários, desempregados, aposentados e donas de casa. Um número elevado de pessoas apresentavam antecedentes delitivos e baixo nível profissional. Maior era a proporção de mestiços e negros. Não possuíam unidade

política e ideológica contra a Revolução. Partiam com motivações de consumo, mudança de nível de vida, e reunificação familiar (Hernandez y Gomis, 1986).

A emigração cubana envolveu pólos extremos de sua sociedade, em duas estruturas socioeconômicas diferentes. Nos primeiros anos da Revolução emigraram os estratos mais altos do capitalismo e, em 1980 saíram os setores inferiores e marginais de uma estrutura sócio-classista, junto com operários e outros trabalhadores.

Os novos emigrantes são principalmente administrativos, operários, trabalhadores de serviços e amas de casa. Mais da metade são maiores de 35 anos, e 3/4 provêm da cidade de Havana e La Habana. Possuem nível escolar médio e pouca representação de profissionais e técnicos. Proporcionalmente estão próximos da estrutura socioeconômica e demográfica da população cubana atual, sem ser representativos de todos os setores (Rodríguez, 1992).

Atualmente, apesar da existência de um acordo migratório entre Cuba e Estados Unidos, os níveis de emigração são baixos e comparáveis com etapas em que não existiu nenhum programa migratório. Aumentaram desde 1990 somente os que saem de maneira ilegal, e os que viajam com visto temporário, mas com a finalidade de não regressar, diante da impossibilidade de conseguir um visto de imigrante. Atualmente recebe novo impulso a reunificação familiar, motivada pela crise econômica imperante em Cuba.

Assentamento e enclave

Como resultado dos grandes movimentos migratórios dos anos 60, já em 1970 os cubanos eram mais que meio milhão de pessoas nos Estados Unidos. Em 1980, o censo registrou 803.226 pessoas de origem cubana, sem incluir os que chegaram de Mariel. Em 1990 já eram 1.053.932, representando 4,7% da população de origem hispana e 0,4% do total de migrantes, bem como 10% dos cubanos residentes na Ilha.

A comunidade cubano-americana reside hoje fundamentalmente na Grande Miami, Union City, West New York, Los Angeles e Chicago. Com o passar dos

tempos ocorreu um processo cada vez maior de concentração no Sul da Flórida (**Tabela 1**) e especialmente na área de Miami-Hialeah que congrega hoje 54% de todos os cubanos residentes nos Estados Unidos.

Os vínculos comerciais que a burguesia cubana estabeleceu desde o final dos anos 40 entre Miami, Key West e La Habana tinham criado as bases do futuro enclave (Arguelles, 1984). O processo de expansão econômica da Flórida, sua posição geográfica em relação ao Caribe e à América Latina, o clima, a língua e as possibilidades de trabalho junto a conterrâneos, favoreceram a preferência dos cubanos pela Grande Miami e a definitiva formação de um forte enclave étnico.

A formação econômica distintiva do enclave étnico cubano em Miami mostra perfeitamente a concentração espacial dos imigrantes e as numerosas empresas que se organizaram a serviço desse mercado étnico e da população em geral (Portes y Bach, 1985).

Na região de Miami conhecida como Little Havana, a presença cubana é significativa. O modismo cubano domina as ruas. Os anúncios de serviços, roupas e comidas típicas, o pequeno comércio, os nomes de empresas e estabelecimentos sociais, proprietários e empregados, a politicagem de rua, os modismos da linguagem, a forma de vestir de homens e mulheres, a música, uma expressão e um jogo de dominó na rua 8, transportam o visitante - segundo a afirmação de muitos entendidos - à sociedade de Havana dos anos 50, alterada pela técnica sofisticada e pelo modernismo dos automóveis.

O impacto do êxodo dos chamados "Marielitos" em 1980 permitiu revitalizar e enriquecer a cubanidade do enclave com novidades nos costumes cotidianos, a linguagem, as manifestações artísticas e elementos da cultura política adquiridos em 20 anos de Revolução.

Diferentemente de outros enclaves étnicos nos Estados Unidos, o cubano teve origem política por causa do tipo de migrantes que chegaram no início dos anos 60, a política de refugiados que o governo federal implementou e pelo processo de agrupação em torno da atividade contra Cuba, desviada da defesa de seus

próprios interesses como comunidade.

Com o passar do tempo debilitou-se a atividade política contrarrevolucionária mais violenta, bem como aquela coesão inicial devido a maior estratificação econômica no enclave e às novas características dos que chegavam de Mariel. Começam a ser parte das preocupações e debates problemas de um grupo étnico diferente, sem que, com isso deixem de ser eminentemente conservadores em seu comportamento político. Essa conduta não se dá tanto por motivos de ideologia, mas por motivos de coesão política impostos pelos mais poderosos da comunidade e pela atitude do governo norte-americano para com Cuba.

O enclave joga um papel essencial na adaptação econômica dos novos imigrantes, na estrutura de classes da comunidade, na mobilidade social de seus membros, na conduta política e cidadã e no processo de aculturação (Portes y Bach, 1985; Valdes Paz, 1987; Portes y Truelove, 1988).

A comunidade cubano-americana hoje

Comparados com os diferentes grupos de origem hispana, e com o total de pessoas não hispanas nos Estados Unidos (**Tabela 2**), os cubanos manifestam o mais elevado índice de residência em área urbana (97,2%). São o grupo de maior proporção de 16 anos ou mais (82,7%), e de maior média de idade (39,1%) superando em 10 anos a todos os outros hispanos.

Possuem um nível de educação superior aos outros grupos de hispanos e próximo ao dos não hispanos (**Tabela 2**). Dos maiores de 25 anos, 63,5% possuem 4 anos de **high school** ou mais, e 20,2%, 4 anos de college ou mais. Isso significa uma proporção que é duas vezes superior à dos portorriquenhos e 4 vezes à dos mexicanos residentes nos Estados Unidos.

Da população de origem cubana com 16 anos ou mais, 65,1% está incorporada à força laboral civil. Destes, 7,2% não possuem emprego. Isto está indicando valores similares aos de outros grupos da população estudados, e são, entre os hispanos, os de menor proporção de desemprego. As mulheres possuem um alto nível de incorporação ao trabalho, com

TABELA 1: Pessoas de origem cubana em estados selecionados

	1990		1980		1970	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Estados Unidos	1.043.932	100	803.226	100	544.600	100
Estados com 10 mil ou mais	942.151	90,3	722.243	89,9	483.369	88,8
Flórida	674.052	64,6	470.250	58,5	250.406	46,0
New Jersey	85.378	8,2	80.860	10,1	68.048	12,5
New York	74.345	7,1	76.942	9,6	89.596	16,5
Califórnia	71.977	6,9	61.004	7,6	47.560	8,7
Illinoís	18.204	1,7	19.063	2,4	20.796	3,8
Texas	18.195	1,7	14.124	1,8	6.963	1,3

Fonte: U.S. Bureau of the Census, 1983 y 1991b

TABELA 2 : Características seletivas de pessoas de origem hispana nos Estados Unidos (1990)

Variáveis	Cubanos	Mexicanos	Portorri- quenhos	Outros Hispanos	Total não Hispanos
Número em milhares	1,044	13.496	2.728	5.086	226.356
% de residentes em área urbana	97,2	90,4	96,4	89,8	72,8
% com 16 anos ou mais	82,7	65,4	68,4	74,6	77,3
média de idade	39,1	24,1	27,0	29,6	33,5
% de brancos (1980)	82,5	56,1	48,1	62,2	85,0
% de casados (a)	62,8	57,8	52,3	57,8	58,8
% com 4 anos de especialização universitária ou mais (b)	63,5	44,1	55,5	63,6	79,6
% com 4 anos de 2º grau ou mais (b)	20,2	5,4	9,7	15,4	22,2
% no mercado de trabalho (c)	65,1	68,3	55,6	70,1	66,0
% desempregados	7,2	8,2	9,1	7,2	5,1
% de mulheres no mercado de trabalho (c)	57,8	52,9	41,4	59,0	57,4
% de gerentes e profissionais qualificados (d)	23,3	10,1	15,6	15,4	27,2
% de operários e trabalhadores manuais (d)	16,4	26,9	21,2	21,7	13,5
Renda média por pessoa empregada (1989)	\$16.108	\$10.701	\$15.517	\$13.550	\$16.983
Renda média familiar (1989)	\$31.262	\$22.245	\$19.933	\$26.014	\$35.183
% de famílias com renda de U\$ 50.000 ou mais (1989)	23,5	12,6	15,4	17,6	30,2
% de famílias que vivem abaixo do nível de pobreza (1989)	12,5	25,7	30,4	16,3	9,2
Empresas por grupo de 1000 habitantes (1987)	62,9	18,8	10,9	22,9	---

- a) Pessoas com 15 anos e mais
b) Pessoas com 25 anos e mais
c) Pessoas com 16 anos e mais no mercado de trabalho civil
d) das pessoas empregadas

Fonte: U.S. Bureau of the Census, 1991a y 1991b
U.S. Department of Commerce, 1993

57,8% das que têm 16 anos de idade ou mais e representam 55,9% do total da força de trabalho entre os cubanos. A proporção de gerentes e profissionais (23,3%) é quase o dobro daquela que se verifica entre os demais hispanos, enquanto que é muito inferior em operários e trabalhadores manuais (Tabela 2). Essa composição aproxima os cubanos à população não hispana apesar de terem uma posição menos favorável.

Essa estrutura ocupacional confirma a composição atípica daqueles que chegaram à Flórida nos anos 60 e o processo de mobilidade verificado nos últimos anos entre a população de origem cubana em direção a ocupações de melhores ingressos e posição social (Perez-Stable y Uriarte, 1993). Devemos também lembrar que análises anteriores (Fagen et al., 1968; Hernández y Valdés, 1983; Pedraza, 1985) demonstraram que muitos cubanos na década de 60 sofreram diminuição de seu status laboral ao inserir-se na sociedade americana, em relação a sua posição anterior em Cuba.

A composição ocupacional que possuem, o alto nível de auto-emprego, a proporção de empresas cubanas para cada mil habitantes (62,9), a incorporação feminina à força de trabalho e as características da família (tamanho do núcleo, quantidade de trabalhadores e de filhos) condicionam favoravelmente o ingresso de população de origem cubana.

As famílias cubanas possuem um ingresso médio anual de US\$ 31.362, e 23,5% recebem US\$ 50.000 ou mais (Tabela 2). Esses dados confirmam a tese sobre a melhor situação econômica dos cubanos em relação a outros grupos, partindo da análise por família, mais do que por indivíduo (Pérez, 1986) (Tabela 2), assim como a importância da estrutura familiar e sua relação com o enclave étnico, em seu processo de adaptação econômica.

Porém, juntamente com o incremento dos níveis de ingresso para alguns, cresce a estratificação na comunidade, e se separam mais os extremos, da mesma maneira como acontece na sociedade norte-americana em geral. A porcentagem de desempregados chegou a 7,2% e as famílias que estão abaixo do nível de pobreza chegaram a 12,5% em 1990.

Uma visão integral das características

expostas mostra que as pessoas de origem cubana nos Estados Unidos são um grupo que se diferencia bastante dos outros hispanos quanto aos indicadores demográficos, e que é superior a eles quanto aos indicadores socioeconômicos. Em geral se aproximam cada vez mais da situação da população não hispana, embora permaneçam ainda abaixo dos níveis da mesma.

Em relação com sua própria situação, no Censo de 1980, os cubanos quase não manifestavam variações na maioria das características demográficas. Ao mesmo tempo, indicadores como grau de instrução, emprego, estrutura ocupacional e ingressos, manifestam diferenças favoráveis na média da comunidade, mas negativas para alguns segmentos, por causa do aumento da polarização social que aconteceu nos anos 80.

O perfil demográfico das pessoas de origem cubana nos Estados Unidos em 1990, assim como o processo de adaptação socioeconômica daqueles que emigraram depois do triunfo da Revolução está relacionado com: a) A excepcionalidade dos primeiros grupos que emigraram, e as características de muitos dos que chegaram depois, já que estes, em seu conjunto, constituem 78% da comunidade cubano-americana; b) A política imigratória e o programa de refugiados implementado para os cubanos pelos Estados Unidos; c) As características das famílias cubanas radicadas nos Estados Unidos; d) O papel do enclave cubano em Miami.

Além desses fatores, podemos indicar outro fato objetivo: 90% dos imigrantes cubanos estão nos Estados Unidos há mais de 10 anos; isso se conjuga com o grau de conhecimento da língua inglesa e com aspectos sócio-psicológicos individuais. Entre estes últimos fatores é importante destacar a complacência da maioria dos emigrantes cubanos e seus descendentes com o estilo de vida norte-americano. Pesa também o fato de que aproximadamente 85% expressam a decisão de não regressar ao país de origem, mesmo que acontecesse uma mudança política total.

* Ernesto Rodríguez Chávez é pesquisador do CEA-Centro de Estudios sobre América, graduado em Ciências Sociais pela Universidade de La Habana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARGUELLES, Lourdes. (1984) "Origen, desarrollo y funciones del Miami cubano en el estado de seguridad norteamericano", In I Seminario sobre la situación de las comunidades negra, chicana, cubana, india y puertorriqueña en Estados Unidos, Ed. Política, La Habana, pp.153-186.
- FAGEN, Richard; Richard A. Brody y Thomas J. O'Leary. (1968) *Cubans in Exile: Disaffection and the Revolution*, Stanford University Press, Stanford.
- HERNÁNDEZ, Rafael y Redi Gomis, (1986) "Retrato del Mariel: el ángulo socioeconómico", In Cuadernos de Nuestra América, Vol. III, nº 5, jan-jun, La Habana, pp.124-151.
- PEDRAZA-BAYLE, Silvia. (1985) "Cuba's Exiles, Portrait of a Refugee Migration", In *International Migration Review* 19 (Spring), pp.4-34.
- PÉREZ, Lisandro. (1986) "Immigrant Economic Adjustment and Family Organization: The Cuban Success Story Reexamined", In *International Migration Review* 20 (Spring), pp. 4-20.
- PÉREZ-STABLE, Marifeli y Miren Uriarte. (1993) "Cubans and the Changing Economy of Miami" In *Latinos in a Changing U.S. Economy*, Eds. Rebecca Morales y Frank Bonilla, Sage Publications, CA, pp.133-159.
- PORTES, Alejandro y Cynthia Truelove. (1988) "El sentido de la diversidad: recientes investigaciones sobre las minorías hispanas en los Estados Unidos", In *Hispanos en los Estados Unidos*, Eds. Rodolfo J. Cortina y Alberto Moncada, Ed. de Cultura Hispánica, Madrid, pp.29-58.
- PORTES, Alejandro y Robert L. Bach. (1985) *Latin Journey. Cuban and Mexican Immigrants in the United States*, University of California Press.
- POYO, Gerald E. (1987) *The Cuban-American Experience, 1870-1940: Migration, Community and Identity*. University of Texas, Paper presented at the American Studies Association International Convention, New York City, November 21-24.
- RODRÍGUEZ, Ernesto. (1992) "El patrón migratorio cubano: cambio y continuidad", In *Cuadernos de Nuestra América*, vol.IX, nº 18, La Habana, jan-jun, pp.77-95.
- U.S Bureau of the Census. (1983) *1980 Census Population*. U.S. Government Printing Office, Washington DC.
- U.S Bureau of the Census. (1991a) *The Hispanic Population in the United States*. March 1990, Current Population Reports, Series P-20, nº 449, U.S Government Printing Office, Washington DC, pp.6,7,8,9,14,15.
- U.S Bureau of the Census, (1991b) *1990 Census of Population and Housing Summary*. Washington DC, Tape File 1A, 1C y 3A.
- U.S Department of Commerce. (1993) *Statistical Abstract of the United States 1992*, Bernan Press, Jaham, Maryland, - pp.17,382,383.
- VALDÉS, Juan. (1987) "La aculturación de la comunidad cubana en los Estados Unidos" In *Cuadernos de Nuestra América*, Vol IV, nº 7, La Habana, jan-jun., pp.160-218.
- VALDÉS, Juan y Rafael Hernández. (1983) "La estructura de clases de la comunidad cubana en los Estados Unidos" In *Cuadernos de Nuestra América*, Vol I, nº 0, La Habana, jan-jun., pp.5-35.